

CONFERÊNCIA

AS RESPONSABILIDADES DA HISTÓRIA (1)

A história se encontra hoje diante de responsabilidades temíveis, mas também exaltantes. Sem dúvida porque jamais, em seu ser e em suas mudanças, deixou ela de depender de condições sociais concretas. "A história é filha de seu tempo". Sua inquietação é, pois, a própria inquietação que pesa sobre nossos corações e nossos espíritos. E se seus métodos, seus programas, suas respostas mais precisas e mais seguras ontem, se seus conceitos falham todos a um tempo, é ao pêso de nossas reflexões, de nosso trabalho e, mais ainda, de nossas experiências vividas. Ora, essas experiências, durante êstes quarenta últimos anos, têm sido particularmente cruéis para todos os homens; elas nos atiraram violentamente para o mais profundo de nós mesmos e, ainda para mais longe, para o destino do conjunto dos homens, isto é, para os problemas cruciais da história. Ocasão, pois, de nos apiedarmos, de sofrer, de pensar, de repor forçosamente tudo em discussão. Aliás, porque a arte frágil de escrever história se evadiria à crise geral de nossa época? Abandonamos um mundo sem jamais ter tido tempo de conhecer ou mesmo de apreciar suas mercês, seus erros, suas certezas e seus sonhos — chama-lo-íamos o mundo do primeiro século XX? Deixámo-lo ou, melhor, êle se esquivava inexoravelmente diante de nós.

I

As grandes catástrofes não são inevitavelmente os agentes, mas são por certo os infalíveis anunciadores das revoluções reais, e constituem sempre uma intimação para que se pense, ou melhor, para que se volte a pensar no universo. Da tormenta da grande Revo-

(1). — Lição inaugural no Colégio de França (1.º de dezembro de 1950). A presente conferência já foi publicada pelo "O Estado de São Paulo" em 15-III-1951 e 8-IV-1951. Entretanto, por se tratar de assunto tão interessante e por ter sido o conferencista um dos inspiradores da nossa *Revista de História*, não hesitamos em estampá-la de novo com a gentil autorização do jornal e do autor (E. Simões de Paula).

lução Francesa que, durante anos, foi tôda a história dramática do mundo, nasceu a meditação do Conde de Saint-Simon; depois, a de seus discípulos e adversários, Augusto Comte, Proudhon, Karl Marx, que não deixaram, por sua vez, de atormentar os espíritos e o raciocínio dos homens... Pequeno exemplo mais próximo de nós: no inverno que se seguiu à guerra franco-alemã de 1870-71, que testemunha mais imparcial que Jacob Burckhardt, em sua querida Universidade de Basiléia! Todavia, a inquietação visita-o, uma necessidade de grande história persegue-o. Naquele semestre, seu curso versa sôbre a Revolução Francesa. Ela não é — declara êle, em acertada profecia — senão um primeiro ato, um “lever de rideau”, o instante inicial de um ciclo, de um século de revoluções, destinado a durar... Século interminável, em verdade, e que assinalará com seus traços vermelhos a pequena Europa e o mundo inteiro. Um longo período, todavia, iria correr para o Ocidente, de 1871 a 1914. Mas quem diria quanto êsses anos, relativamente calmos, quase felizes, iriam progressivamente reduzir a ambição da história como se nosso ofício, para se manter, tivesse incessante necessidade do sofrimento e da flagrante insegurança dos homens!

Com que emoção, em 1943, li o último livro de Gaston Roupnel — “Histoire et Destin” — livro profético, alucinado, meio perdido no sonho, mas alevantado de piedade pela “Dôr dos homens”. Êle me escreveria mais tarde:

“Comecei êste livro bem nos primeiros dias de julho de 1940. Em minha casa de Gevrey-Chambertin, acabava de vêr passar, na grande estrada nacional, as ondas do êxodo, do doloroso êxodo, aquela pobre gente, as carruagens, as “charretes”, gente a pé, uma lamentável humanidade, tôda a miséria das estradas, e isso misturado com tropas, com soldados sem armas... Êste imenso pânico era a França!... Aos meus velhos dias, aos infortúnios irremediáveis da vida privada, ia juntar-se o sentimento do infortúnio público, nacional...”

Mas, ao sôpro da desgraça, das últimas meditações de Gaston Roupnel, a história, a grande, a aventureosa história partia de novo, tôdas as velas pandas. Michelet voltava a ser seu deus: “Êle me parece — escrevia-me então — o gênio que enche a história”.

Nossa época sômente é rica de catástrofes, de revoluções, de golpes teatrais, de surpresas. A realidade social, a realidade fundamental do homem parece nova a nossos olhos e, queirâmo-lo ou não, nosso velho ofício de historiador não cessa de deitar brotos e reflorir... Sim, quanta mudança! Todos os símbolos sociais ou quase todos — e por alguns dêles teríamos sido mortos ontem, sem muita discussão — perderam seu conteúdo. A questão é saber se nos será possível, viver, mas viver e pensar calmamente sem atentar para os pontos de referência dêsses símbolos e sem a luz de seus faróis. Todos os conceitos intelectuais infletiram ou romperam-se. A ciência em que, profanos, nós nos apoiávamos mesmo

sem o saber, a ciência, êsse refúgio e esta nova razão de viver do século XIX, transformou-se brutalmente, do dia para a noite, para renascer numa vida diferente, prestigiosa mas instável, sempre em movimento, mas inacessível — e, sem dúvida, jamais teríamos tempo nem possibilidade de restabelecer com ela um diálogo conveniente. Todas as ciências sociais, compreendida a história, evoluíram semelhantemente, de maneira menos espetacular, mas não menos decisiva. Para um novo mundo, por que não uma nova história?

*
* *
*

Também evocaremos, com ternura e um pouco de irreverência, nossos mestres de ontem e de anteontem. Que nos perdoem! Eis aqui o pequeno livro de Charles Victor Langlois e de Charles Seignobos, "Introdução aos estudos históricos", aparecido em 1897, hoje sem alcance, mas, ontem e durante longos anos, obra decisiva. Espantoso ponto de parada. Dêsse livro longínquo, cheio de princípios e de miúdas recomendações, sem muita dificuldade se tirará um retrato do historiador no início deste século. Imaginemos um pintor, um paisagista. Diante dêle, árvores, casas, colinas, estradas, uma paisagem tranqüila. Tal, em face de historiador, a realidade do passado — uma realidade verificada, desempoeirada, reconstruída. Dessa paisagem, nada deveria escapar ao pintor: nem êste arvoredo, nem aquela fumaça... Nada omitido: no entanto, o pintor esquecerá sua própria pessoa, pois o ideal seria suprimir o observador, como se cumprisse surpreender a realidade sem amedrontá-la, como se a história, fora de nossas reconstruções, pudesse ser colhida em estado nascente, no estado de materiais brutos, de fatos puros. O observador é fonte de erros: contra êle a crítica deve estar vigilante. "O instinto material de um homem na água — escrevia sem sorrir Charles Victor Langlois — é fazer tudo quanto possa para se afogar; aprender a nadar é adquirir o hábito de reprimir os movimentos espontâneos e de executar outros. Assim também, o hábito da crítica não é natural; é preciso que seja inculcado e só se torna orgânico por via de repetidos exercícios. Assim, o trabalho histórico é um trabalho crítico por excelência; quando nele nos metemos sem que preliminarmente nos tenhamos posto em guarda contra o instinto, afogamo-nos."

Nada temos a dizer contra a crítica dos documentos e materiais da história. O espírito histórico é basicamente crítico. Mas é também, além da prudência obrigatória, reconstrução, o que Charles Seignobos soube dizer com aguda inteligência, em duas ou três oportunidades. Mas, depois de tantas precauções e será isso bastante para preservar o impulso necessário à história?

Certo, se fôssemos mais longe, nesta volta para trás; se desta feita buscássemos grandes espíritos — um Cournot, um Paul Lacombe, êsses precursores; ou grandes historiadores, principalmente um Michelet, um Ranke; um Jacob Burckhardt, um Fustel de Coulanges, seu gênio nos interditaria o sorriso. Entretanto, se excetuarmos talvez Michelet, o maior de todos, em quem há tanto brilho e tantas premonições geniais, não é menos verdade que suas respostas não se adequariam absolutamente a nossas perguntas: historiadores de hoje, temos o sentimento de pertencer a uma idade diferente, a uma outra aventura do espírito.

Sobretudo, nosso ofício não nos parece mais aquela tarefa calma, segura, com justos prêmios ao trabalho e à paciência. Não nos deixa aquela certeza de ter abrangido tôda a matéria da história, que, para chegar até nós, não esperaria senão nossa diligente coragem. Por certo, não há nada mais estranho ao nosso pensamento do que aquela observação do muito jovem Ranke, em 1817, quando, numa apóstrofe entusiasta a Goethe, falava com fervor do "terreno sólido da história".

II

É uma empresa difícil — condenada antecipadamente — dizer em poucas palavras o que deveras mudou no domínio de nossos estudos, principalmente como e porque houve mudança. Mil pormenores nos solicitam. Albert Thibaudet pretendia que as verdadeiras subversões são sempre simples no plano da inteligência. Nesse caso, onde se situa essa coisinha simples, essa renovação eficaz? Por certo, não nessa falência da filosofia da história, longamente preparada de antemão e da qual, antes mesmo do dealbar deste século, ninguém mais aceitava as ambições e as conclusões prematuras. Muito menos na bancarrota de uma história-ciência, aliás apenas esboçada. Não há ciência que não seja capaz de prever — dizia-se ontem; ela deveria ser profética ou não ser... Pensariamos hoje que nenhuma ciência social, incluindo-se a história, é profética e, em consequência, segundo as antigas regras do jogo, nenhuma dentre elas teria direito ao belo nome de ciência. Não haveria profecia, aliás, note-se bem, senão quando houvesse continuidade da história, o que os sociólogos (não todos os historiadores) põem violentamente em dúvida. Mas, para que discutir essa palavra confusa — ciência — e todos os falsos problemas que daí derivam? Para que também nos metermos no debate, mais clássico, porém ainda mais estéril, sobre a objetividade e a subjetividade na história, do qual não nos livraremos tanto quanto, talvez por hábito, nela se demoram os filósofos, que não ousarão perguntar se as ciências mais gloriosas do real não são também objetivas e subjetivas a um tempo? Por nós, que sem pena nos resignariamos a não crer na obrigação da antítese, gostosamente afastariamos ês-

se assunto de nossas habituais discussões. Não é entre pintor e quadro ou mesmo (audácia que se teria julgado excessiva) entre quadro e paisagem, que se situa o problema da história, mas sim na própria paisagem, no âmago da vida.

Como a própria vida, a história nos aparece qual um espetáculo fugaz, movediço, feito do entrelaçamento de problemas inextricavelmente misturados, o qual pode sucessivamente assumir cem aspectos diferentes e contraditórios. Esta vida complexa, como abordá-la, retalhá-la para poder colhê-la, ou, pelo menos, colher alguma coisa dela? Numerosas tentativas poderiam desencorajar-nos antecipadamente.

Assim, não mais cremos na explicação da história por tal ou tal fator dominante. Não há história unilateral. Não a dominam exclusivamente nem o conflito de raças, cujo choque ou cuja concordância teriam determinado todo o passado dos homens; nem os possantes ritmos econômicos, fatores de progresso ou de derrocada; nem as constantes tensões sociais; nem o espiritualismo difuso de um Ranke, pelo qual se sublimam, para êle, o indivíduo e a vasta história geral; nem o reino da técnica, nem o impulso demográfico, êsse impulso vegetal com suas conseqüências de retardamento na vida das coletividades... O homem é muito mais complexo.

Todavia, essas tentativas de reduzir o múltiplo ao simples ou ao quase simples, para nossos estudos históricos significaram um enriquecimento sem precedentes, desde há mais de um século. Elas nos puseram progressivamente no caminho que nos levará a ultrapassar o indivíduo e o fato, o que de há muito é pressentido, entrevisto, mas que, em sua plenitude, somente diante de nós se realiza. Ai talvez o passo decisivo, que implica e resume tôdas as transformações. Não negaremos, portanto, a realidade dos fatos ou o papel dos indivíduos, o que seria pueril. Cumpriria ainda notar que o indivíduo é muito freqüentemente, na história, uma abstração. Na realidade viva, jamais existe indivíduo fechado em si mesmo; tôdas as aventuras individuais se fundam numa realidade mais complexa, a realidade social, uma realidade "entrecruzada", como diz a sociologia. O problema não consiste em negar o individual a pretexto de que é contingente, mas em ultrapassá-lo, em distingui-lo das forças que dêle diferem, em reagir contra uma história arbitrariamente reduzida ao papel dos heróis "quintessenciados": não cremos no culto de todos êsses semi-deuses, ou mais simplesmente, somos contra a orgulhosa sentença unilateral de Treitschke: "Os homens fazem a história". Não. A história faz também os homens e lhes afeiçoa o destino — a história anônima, profunda, e freqüentemente silenciosa, de que nos cumpre agora abordar o incerto, mas imenso domínio.

A vida, a história do mundo, tôdas as histórias particulares apresentam-se-nos na forma de uma série de acontecimentos, isto é, atos sempre dramáticos e breves. Uma batalha, um encontro de homens de Estado, um discurso importante, uma carta significativa — são instantâneos da história. Recordo-me de que uma noite, nas cercanias da Bahia, me envolveu um fogo de artifício de luciolas fosforescentes; sua luz pálida esplendia, extinguiu-se, esplendia de novo, sem abrir na noite verdadeira claridade. Assim os fatos: para além de seu brilho, a obscuridade permanece vitoriosa. Outra lembrança permitir-me-á abreviar ainda meu raciocínio. Há uma vintena de anos, na América, um filme longamente anunciado produziu sensação sem igual. Nem mais nem menos que o primeiro filme autêntico da Grande Guerra — dizia-se — daquela guerra que desde logo se tornou, assaz tristemente, a Primeira Guerra Mundial. Durante mais de uma hora, foi-nos dado reviver as horas oficiais do conflito, assistir a cinquenta revistas militares, umas pelo rei Jorge V da Inglaterra, outras pelo rei dos Belgas ou pelo rei da Itália, ou pelo imperador da Alemanha, ou por nosso Presidente Raymond Poincaré. Foi-nos dado assistir à saída das grandes conferências diplomáticas e militares, a um desfile de personalidades ilustres mas esquecidas, tornadas mais fantásticas ainda e irreais pela marcha saltitante do cinema daqueles tempos longínquos. Quanto à verdadeira guerra, estava representada por três ou quatro “truques” e explosões fingidas: um cenário...

O exemplo é sem dúvida exagerado, como todos os exemplos que desejamos carregados de lições. Convenhamos, no entanto, em que freqüentemente essas pequenas imagens que nos oferecem do passado e do suor dos homens são a crônica, a história tradicional, a história-relato cara a Ranke... Luzes, mas sem claridade; fatos, mas sem humanidade. Notemos que esta história-relato tem sempre a pretensão de dizer “as coisas como elas realmente se passaram”. Ranke acreditava profundamente nessas palavras, quando as pronunciou. Realmente, apresentam-se como uma interpretação, à sua maneira sinuosa, como autêntica filosofia da história. Para elas, a vida dos homens é dominada por acidentes dramáticos; pela ação de seres excepcionais, que nela surgissem, freqüentemente donos de seu destino e mais ainda do nosso. E quando fala de “história geral”, é afinal ao entrecruzamento desses destinos excepcionais que se refere, pois cumpre que cada herói conte com outro herói. Falaz ilusão — sabêmo-lo todos. Ou, digamos com mais equidade, visão de um mundo muito estreito, familiar à força de ter sido pesquisado e posto em ação, no qual o historiador se compraz em fazer uma fortuna principesca — um mundo a que, por cúmulo, se arrancou o contexto; em que se poderia crer, com tôda a boa fé, que a história é um jogo monótono, sempre diferente, mas sempre semelhante, como as mil combinações das figuras de xadrez, um jogo que põe em ação análogas situações sem fim, sentimentos

sempre os mesmos, sob o signo de um eterno e impiedoso retôrno das coisas.



A tarefa é justamente ultrapassar esta primeira margem da história. Cumpre abordar, em si mesmas, e por si mesmas, as realidades sociais, as quais para mim são tôdas as largas formas de vida coletiva, as economias, as instituições, as arquiteturas sociais, as civilizações, enfim, e estas principalmente — tôdas as realidades que os historiadores de ontem, por certo não ignoraram, mas que, salvo alguns espantosos precursores, foram muito freqüentemente vistas como um pano de fundo, disposto sômente para explicar, ou como se se quisesse explicar as ações dos indivíduos excepcionais, em tôrno dos quais o historiador gira complacientemente.

Erros imensos de perspectiva e de raciocínio, pois o que assim se busca recordar, inscrever no mesmo quadro, são movimentos que não têm a mesma duração nem a mesma direção, uns que se integram no tempo dos homens, o de nossa vida breve e fugitiva; outros, no tempo das sociedades, para as quais uma jornada, um ano não significam grande coisa; para as quais, às vêzes, um século inteiro não é senão um instante. Compreendamos: não há um tempo social que se escoli de uma só e simples maneira, mas um tempo social de mil velocidades, de mil lentidões, que quase nada tem a ver com o tempo jornalístico da história e da crônica tradicional. Creio, assim, na realidade de uma história particularmente lenta da civilização, em suas profundas abissais, em seus traços estruturais e geográficos. Por certo, as civilizações são mortais em suas florações mais preciosas; por certo, brilham, extinguem-se, para re-florir em outras formas. Mas essas rupturas são mais raras, mais espaçadas do que se pensa. Sobretudo, não destroem igualmente tudo. Quero dizer que, nesta ou naquela área de civilização, o conteúdo social pode renovar-se duas ou três vêzes, quase inteiramente, sem atingir certos traços profundos de estrutura, os quais continuarão a distingui-la fortemente das civilizações vizinhas. Há, se se quizer, mais lenta ainda, que a história das civilizações, quase imóvel, uma história dos homens, em suas estreitas relações com a terra em que vivem e que os sustenta; é um diálogo que não cessa de repetir-se, que se repete para perdurar, que pode mudar e muda em superfície, mas prossegue, tenaz, como se estivesse fora do alcance e do castigo do tempo.

III

Se não me engano, os historiadores começam hoje a tomar consciência de uma nova história, de uma história pesada, cujo tempo

não mais se afina com nossas antigas medidas. Essa história não se lhes oferece como fácil descoberta. Com efeito, toda forma de história implica uma erudição que lhe corresponde. Poderei dizer que todos aqueles que cuidam dos destinos econômicos, das estruturas sociais e dos múltiplos problemas, freqüentemente de miúdo interesse, das civilizações, se defrontam com pesquisas, junto às quais os trabalhos dos eruditos mais conhecidos do século XVIII e mesmo do século XIX nos parecem de espantosa facilidade? Somente será possível uma nova história se se conseguir por em dia uma enorme documentação que responda a essas perguntas novas. Duvido mesmo que o habitual trabalho artesanal do historiador esteja à altura de nossas atuais ambições. Com o perigo que pode isso representar e as dificuldades que a solução implica, não há salvação fora dos métodos de trabalho por grupos.

Há, pois, todo um passado a reconstruir. Intermináveis tarefas se nos propõem e se nos impõem. Mesmo para as realidades mais simples dessas vidas coletivas, isto é, para os ritmos econômicos de breve duração da conjuntura. Eis, bem identificada em Florença, de 1580 a 1585, uma crise assaz viva de retrocesso, que rapidamente se agravará, para ser sanada de repente. Pesquisas levadas a efeito em Florença e em redor de Florença indicam-na de maneira evidente, pelo repatriamento de mercadores florentinos, que deixam a França e a Alta Alemanha e, mais ainda, por vezes abandonam sua bodega, para comprar terras na Toscana. Esta crise, tão nítida à primeira auscultação, cumpria melhor diagnóstico-la, estabeleceu-la cientificamente por meio de séries coerentes de preços, trabalho local ainda — mas o problema também se apresenta de saber se a crise é toscana ou geral. Reencontramo-la logo mais em Veneza, encontramo-la facilmente em Ferrara... Mas até onde fizeram-se sentir seus súbitos efeitos? Sem conhecer a área exata em que se exerceu, não poderíamos precisar sua natureza... Cumpre, então, que o historiador rume para todos os depósitos de arquivos da Europa, afim de examinar séries ordinariamente ignoradas da erudição? Interminável viagem, pois tudo precisa êle fazer! Para cúmulo de dificuldade, esse historiador, que cuida da Índia e da China, e pensa que o Extremo Oriente presidiu à circulação dos metais preciosos no século XVI e por isso o ritmo de toda a vida econômica do mundo. Esse historiador nota que a tais anos de sofrimento florentino correspondem, apenas não coincidentes no tempo, anos de perturbações no Extremo Oriente, no comércio de especiarias e da pimenta. Das débeis mãos portuguesas passa este novamente para os hábeis mercadores mouros e, para além desses velhos habitantes do Oceano Índico e do Mar de Sonda, para os caravaneiros da Índia, tudo sendo afinal engulido pela Alta Ásia e pela China... Por si mesma, a pesquisa, nesses domínios tão simples, acaba de fazer a volta ao mundo.

Com alguns jovens historiadores, cuidei justamente de estudar a conjuntura geral do século XVI e espero falar a respeito disso em dia próximo. A propósito, é preciso dizer que ainda é o mundo inteiro que se impõe à nossa atenção?

A conjuntura do século XVI não é somente Veneza ou Lisboa, Antuérpia ou Sevilha, Lião ou Milão; é também a complexa economia do Báltico, os velhos ritmos do Mediterrâneo, as importantes correntes do Atlântico e as do Pacífico, dos ibéricos, dos juncos chineses e de propósito esqueço muitos outros elementos. Mas cumpre lembrar ainda que a conjuntura do século XVI é igualmente, de um lado, o século XV e, de outro, o século XVII; não é somente o movimento de conjunto dos preços, mas o feixe vário desses preços e sua comparação, estes a se acelerar mais ou menos do que aqueles. Sem dúvida, é verossímil que os preços dos vinhos e das terras tenham então precedido todos os outros em seu curso regular. Assim se explicaria, a nossos olhos, a maneira pela qual a terra chupou com uma esponja, se assim se pode dizer, atraiu, imobilizou a fortuna dos novos ricos. Todo um drama social. Assim se explicaria também essa civilização invasora, obstinada, da vinha e do vinho: os preços o querem, então crescem essas frotas carregadas de tonéis, em direção ao norte, a partir de Sevilha, das costas portuguesas ou da Gironda; então, crescem paralelamente essas correntes de carriolas, esses "carretoni", que, pelo Brenner, levam anualmente à Alemanha os vinhos novos do Friuli e das Venécias, esses vinhos turvos que o próprio Montaigne teria saboreado com prazer no próprio local...

A história das técnicas, a simples história das técnicas, para além de pesquisas incertas, minuciosas, incessantemente interrompidas, pois o fio mui freqüentemente se parte em nossos dedos ou, se querem, os documentos a interrogar bruscamente desaparecem — esta história das técnicas também descobre vastíssimas paisagens, propõe imensos problemas. No século XVI o Mediterrâneo, tomado em bloco, conheceu uma série inteira de dramas técnicos. Instala-se a artilharia na ponte estreita dos barcos, aliás com imensa lentidão; transmitem-se seus segredos para as altas regiões do Nilo ou para o interior do Oriente próximo — e, a cada vez, rudes são as conseqüências... Outro drama ocorre — e mais silencioso: produz-se lenta e curiosa diminuição das tonelagens marítimas. Os cascos tornam-se cada vez menores e mais leves. Veneza e Ragusa são a terra de origem dos grandes cargueiros: seus veleiros de carga têm capacidade até para mil toneladas e mais. São as grandes massas flutuantes do mar. Mas tal luxo logo deixou de ser acessível a Veneza. Contra os gigantes do mar, por toda parte, a fortuna dos pequenos veleiros, gregos, provençais, marseheses, nórdicos. Em Marselha, é a hora vitoriosa das tartanas, das saetas, das minúsculas naves. Caberiam esses esquifes na concha da mão; raras vêzes ultrapassam cem toneladas. Mas,

em ação, êsses navios de bolso são eficientes: o menor vento os impulsiona; entram em todos os portos: carregam em poucos dias, em poucas horas, quando os navios de Ragusa levam semanas e meses descarregando.

Um desses grandes cargueiros ragusianos apodera-se por acaso de um pequeno navio marselhês, toma-lhe a carga, e, jogando a tripulação n'água, faz num instante desaparecer tudo do navio rival.

Esse "fait divers" ilustra, por um momento, a luta dos grandes contra os pequenõs esquifes do mar. Mas errariamos, acreditando que tal luta se circunscreva ao Mar Interior. Grandes e pequenos combatem e se devoram nos sete mares do mundo. No Atlântico, sua luta é a maior luta do século. Invadirão os ibéricos a Inglaterra? Eis o problema que se apresenta antes, durante e depois da Invencível Armada. Ancorarão os nórdicos na Península — e é a expedição contra Cadiz. Ou ancorarão no Império dos ibéricos — e são Drake e Cavendish e muitos outros... Os inglêses dominam a Mancha; os ibéricos, Gibraltar. Qual dessas supremacias a mais vantajosa? Mas, principalmente, quem vencerá: as lerdas carracas portuguezas, os pesados galeões espanhóis, ou os esguios veleiros do Norte? Mil toneladas de um lado; duzentas, cem, cinqüenta, às vêzes do outro... Luta freqüentemente desigual, ilustrada por essas gravuras da época, que mostram um dos gigantes ibéricos cercados por uma nuvem de cascos liliputianos. Os pequenos acoçam os grandes, crivam-nos de golpes. Quando se apoderam dêles, apropriam-se do ouro, das pedras preciosas, de alguns pacotes de especiarias, queimam depois a enorme e inútil carcassa... Mas a essência da história estará sòmente nesse resumo tão claro? Se a resistência ibérica continua, é por certo porque passam, quase indenes, guiados pela mão de Deus — dizem os genoveses — os comboios de galeões que rumam para as Antilhas e de lá tornam carregados de prata; é que as minas do Novo Mundo permanecem a serviço dos donos ibéricos... A história dos navios não é uma história em si. Deve ser situada entre as outras histórias que a rodeiam e a sustentam. Assim, a verdade, sem se recusar, ainda uma vez se furta diante de nós.

Na fase de colheita de material, nenhum problema deixa de se complicar, de se estender em superfície e em profundidade, de abrir infindavelmente novos horizontes de trabalho... Terei ensejo de tratar desta vocação imperial do século XVI sôbre a qual devo realizar um curso êste ano e que, como se sabe, não deve inscrever-se a crédito sòmente do século XVI. Jamais um problema pode fechar-se num só quadro.

Se abandonarmos o domínio da economia, da técnica, pelo domínio das civilizações; se pensarmos nessas insidiosas, quase invisíveis fendas que, em um ou dois séculos, se tornam profundas brechas, para além das quais tudo muda na vida e na moral dos homens; se sonhamos com essas prestigiosas revoluções interiores, en-

tão o horizonte, lento a se desprender, se alarga e se complica com intensidade ainda maior. Um jovem historiador italiano, no decorrer de pacientes prospecções, percebeu que a idéia e a representação da morte mudam completamente pelos meados do século XVI. Profunda brecha se cava, então: a uma morte celeste, voltada para o além e calma, porta largamente aberta, pela qual todos os homens (sua alma e seu corpo quase inteiro) passam sem se encoller primeiro, a esta morte serena se substitui uma morte humana, já sob o primeiro signo da razão. Resumo mal êsse apaixonante debate. Mas, que esta morte nova, lenta no mostrar seu verdadeiro rosto, nasça, ou pareça nascer muito tempo antes nos complexos países renanos — eis o que orienta o rumo do inquerito e nos põe em contacto com esta história silenciosa mas imperiosa das civilizações. Então, navegaremos para além do habitual cenário da Reforma, onde, aliás, só se pode navegar com muita precaução e pacientes pesquisas. Seria preciso ler os livros de devoção e os testamentos, colecionar os documentos iconográficos ou, nas cidades, boas guardiãs de seus cartórios, como Veneza, consultar os papéis dos "Inquisitori contra Bestemmie", êsses "archives noires", de imprescritível valor para o domínio dos costumes.

*
* *
*

Mas não basta refugiar-se nessa necessária e interminável prospecção de materiais novos. Êsses materiais devem ser submetidos a métodos. Êstes, sem dúvida, alguns por certo, variam de um dia para outro. Em dez ou vinte anos, nossos métodos em economia, em estatística, terão oportunidade de perder todo seu valor, ao mesmo tempo que nossos resultados serão contestados, derrubados por terra: a sorte de estudos relativamente recentes aí está para não-lo dizer. Essas informações, êsses materiais também precisam ser revolvidos, pensados de novo na medida do homem e, além de sua precisão, trata-se, se possível, de reencontrar a vida: mostrar como suas fôrças se ligam, se acotovelam, ou se chocam, como também mui freqüentemente misturam suas águas furiosas. Recolher tudo, para repor tudo no quadro geral da história, para que não obstante as dificuldades, as antinomias e as contradições básicas, seja respeitada a unidade da história, que é a unidade da vida.

Pesadíssimas tarefas — dir-se-á. Pensamos sempre nas dificuldades de nosso ofício; sem desejar negá-las, não será possível assinalar, de uma vez, suas insubstituíveis comodidades? Ao primeiro exame, não poderemos depreender o essencial de uma situação histórica, quanto a seu futuro? Dentre as fôrças em luta, sabemos quais as que o arrastarão; discernimos de antemão os acontecimentos importantes, "Os que terão consequências", aos quais

o futuro será finalmente entregue. Imenso privilégio! Quem saberia, no meio dos fatos da vida atual, distinguir tão seguramente o durável e o efêmero? Ora, esta distinção se situa no âmago da pesquisa das ciências sociais, no âmago do conhecimento, no âmago dos destinos do homem, na zona de seus problemas capitais... Historiadores, somos sem dificuldades introduzidos nessa discussão. Quem negará, por exemplo, que o imenso problema da continuidade e da descontinuidade do destino social, que os sociólogos discutem, não seja, em primeiro lugar, um problema de história? Se grandes cortes seccionam os destinos da humanidade, se, no dia seguinte, tudo se repõe em termos novos e se nada mais vale de nossos utensílios ou de nossos pensamentos de ontem — a realidade desses cortes depende da história. Há ou não há excepcional e breve coincidência entre todos os tempos variados da vida dos homens? Imenso problema, que é nosso. Toda progressão lenta termina um dia, o tempo das verdadeiras revoluções é também o tempo que vê florir as rosas.

IV

Foi a história levada a essas bordas tão perigosas pela própria vida. Já o disse, a vida é nossa escola. Mas, suas lições não têm sido a história a única a ouvi-las e, tendo-as compreendido, a delas tirar conseqüências. De fato, tem aproveitado, principalmente, o impulso vitorioso das jovens ciências humanas, mais sensíveis ainda que ela própria às conjunturas do presente. Vimos nascer, renascer ou expandir-se, há cinqüenta anos, uma série de ciências humanas, imperialistas e, a cada vez, seu desenvolvimento tem significado para nós, historiadores, choques, complicações, depois imensos enriquecimentos. Talvez seja a história a maior beneficiária desses progressos recentes.

Será necessário referir-nos longamente à sua dívida para com a geografia ou a economia política, ou ainda a sociologia? Para a história, uma das obras mais fecundas, talvez mesmo a mais fecunda de todas, terá sido a de Vidal de La Blanche, historiador de origem, geógrafo por vocação. De bom grado direi que o "Tableau de la Géographie de la France", aparecido em 1903, no conjunto da grande história da França de Ernest Lavisse, é uma das maiores obras, não somente da escola geográfica, mas também da escola histórica francesa. Da mesma forma, bastará uma palavra para assinalar o que a história deve à obra capital de François Simiand, filósofo que veio a ser economista e cuja voz, no Colégio de França, infelizmente se fez ouvir durante tão poucos anos. O que ele descobriu de crises e de ritmos da vida material dos homens tornou possível a luminosa obra de Ernest Labrousse, a mais recente contribuição para a história destes últimos vinte anos. Notemos também o que a história das civilizações pode reter dos en-

sinamentos prestigiosos de Marcel Mauss, uma das autênticas glórias do Colégio de França. Quem melhor do que êle nos ensinou, aos historiadores, a arte de estudar as civilizações em suas permutas e em seus flancos friáveis, a acompanhá-las em suas realidades rudimentares, fora dessa zona de influência e de qualidade, onde o historiador de ontem, a serviço de tôdas as “vedetas” do dia, tão longa e exclusivamente se comprove? Referirei, enfim, pessoalmente, o que a sociologia de Georges Gurvitch, seus livros e, mais ainda, suas palestras fascinantes, puderam trazer-me de incentivo ao pensamento e de nova orientação?

Não é necessário multiplicar os exemplos para explicar como a história, nestes últimos anos, se enriqueceu de aquisições e de alimentos de seus vizinhos. Em verdade, ela construiu para si um novo corpo.

*
* *
*

Ainda seria mister convencer disso os próprios historiadores, tolhidos por sua formação, algumas vêzes por suas admirações. Frequentemente acontece que, sob a influência de fortes e ricas tradições, uma geração inteira atravessa, sem dela participar, o tempo útil de uma revolução intelectual. Também acontece, felizmente; acontece quase sempre que alguns homens sejam mais sensíveis, mais aptos que outros para perceber essas novas camadas do pensamento de seu tempo. É evidente que foi um momento decisivo para a história francesa o da fundação dos “Annales d’histoire économique et sociale”, levada a efeito por Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929, em Estrasburgo. Ser-me-á permitido falar dêles com admiração e reconhecimento, pois se trata de uma obra, rica de mais de vinte anos de esforços e de vitórias, da qual não fui mais do que um obreiro da segunda hora.

Nada é hoje mais simples do que sublinhar e fazer compreender a vigorosa originalidade do movimento em sua origem. Lucien Febvre escrevia na apresentação de sua jovem revista: “Enquanto os historiadores aplicam aos documentos do passado seus bons, velhos, experimentados métodos, homens cada vez mais numerosos consagram, não sem favor, às vêzes, sua atividade ao estudo das sociedades e economias contemporâneas... Nada seria melhor, compreenda-se, se cada qual, não obstante praticando uma especialização legítima, cultivando laboriosamente seu jardim, se esforçasse por seguir a obra do vizinho. Mas, os muros são tão altos, que frequentemente vedam a vista. Todavia, quantas sugestões preciosas sôbre o método e a interpretação dos fatos, que aquisições de cultura, que progresso na intuição adviriam de mais frequentes permutas intelectuais entre êsses grupos? O futuro da história! Eis

o preço dêle e também a exata inteligência dos fatos, que amanhã serão a história. Contra êsses cismas lamentáveis é que julgamos necessário levantarmo-nos. . .”

De boa mente repetiríamos hoje essas palavras, que ainda não convenceram de todo os historiadores individualmente, porém, queira ou não queira, atingiram tôda a jovem geração. Queira ela ou não — porque os “Annales”, como tudo quanto é forte, acolhidos com entusiasmos vigorosos e obstinadas hostilidades, tiveram, têm sempre a seu favor a lógica do nosso ofício e a evidência dos fatos.

Aqui, perante um público de historiadores, não preciso falar dêsse longo e múltiplo combate. Ademais, não será necessário que me refira à amplidão, à diversidade e à riqueza da obra de meu ilustre predecessor: todos conhecem, de Lucien Febvre, seu “Philippe II et la Franche Comté”. “La Terre et l'évolution humaine”, “Le Rhin”, “Luther”, seu magnífico livro sobre “Rabelais et l'incroyance religieuse au XVI^e siècle” e, último em data, êste fino estudo sobre “Marguerite de Navarre”. Insistirei, ao contrário, nos inumeráveis artigos e nas inumeráveis cartas que, digo-o sem hesitação, constituem sua maior contribuição intelectual e humana para o pensamento e as discussões de seu tempo. Foi aí que abordou livremente todos os assuntos, tôdas as teses, todos os pontos de vista, com aquela alegria de descobrir e de fazer descobrir, a que não pode tornar-se insensível quem quer que dêle realmente tivesse se aproximado. Difícil seria saber quantas idéias foram por êle assim prodigalizadas, difundidas. Nem sempre nos foi possível acompanhá-lo em suas amenas viagens.

Por certo, a não ser êle, ninguém teria sido capaz de fixar nosso rumo em meio dos conflitos e concordâncias da história com as ciências sociais vizinhas. Ninguém melhor do que êle esteve em condições de nos infundir confiança em nosso ofício, na respectiva eficiência. . . “Viver a história” — tal é o título de um de seus artigos, um belo título e um programa. A história, para êle, jamais foi um jogo de erudição estéril, uma espécie de arte pela arte, de erudição que a si mesma se bastasse. Sempre lhe apareceu como uma explicação do homem e do social, partindo desta coordenada, preciosa, sutil e complexa — o tempo — que sômente nós os historiadores sabemos manejar e sem a qual nem as sociedades nem os individuos do passado ou do presente retomam o impulso e o calor da vida.

Para o historiador francês, foi, sem dúvida, providencial que Lucien Febvre, sendo particularmente sensível aos conjuntos, à história total do homem, visto sob todos os aspectos, tendo compreendido lúcidamente as novas possibilidades da história, ao mesmo tempo não se tivesse tornado menos capaz de sentir, com a cultura apurada de um humanista, e de exprimir fortemente o que de particular e único terá havido em cada aventura individual do espírito.

O perigo de uma história social, percebêmo-lo todos: esquecer na contemplação dos movimentos profundos da vida dos homens, o homem em luta com sua própria vida, seu próprio destino; esquecer, negar talvez o que cada indivíduo tem de insubstituível. Porque negar o papel considerável que se pretendeu dar a alguns homens abusivos na gênese da história não é, por certo, negar a grandeza do indivíduo, enquanto indivíduo, e o interesse de um homem no debruçar-se sobre o destino de outro.

Disse-o há pouco, os homens, mesmo os maiores, não nos parecem tão livres quanto aos que nos antecederam no campo da história, mas o interesse de sua vida não diminuiu, ao contrário. E a dificuldade não está em conciliar no plano dos princípios a necessidade da história individual e da história social; a dificuldade é ser capaz de sentir uma e outra, a um tempo e, apaixonando-se por uma, não desdenhar a outra. É um fato que a história francesa, posta por Lucien Febvre nos caminhos dos destinos coletivos, jamais se desinteressou, por um momento sequer, pelos pináculos do espírito. Lucien Febvre viveu com paixão e obstinação junto de Lutero, de Rabelais, de Michelet, de Proudhon, de Stendhal; uma de suas originalidades é a de jamais ter renunciado à companhia desses príncipes autênticos. Penso muito particularmente no mais brilhante de seus livros, em seu "Luther", em que presumo que pretendeu proporcionar-se por um instante o espetáculo de um homem verdadeiramente livre a dominar seu destino e o destino da história. Também te-lo-ia seguido somente durante os primeiros anos de sua vida revoltada e criadora até o dia em que implacavelmente sobre ele se fecharam o destino da Alemanha e o de seu século.

Não creio que esta viva paixão do espírito tenha acarretado a Lucien Febvre qualquer contradição. A história, para ele, continua a ser um empreendimento prodigiosamente aberto: resistiu sempre ao desejo, todavia natural, de ligar o feixe de suas novas riquezas. Construir não é sempre limitar? E eis porque, se não me engano, todos os grandes historiadores de nossa geração, os maiores e, pois, os mais fortemente individualizados, se sentiram à vontade em face da luminosidade e da força do pensamento dele. Não preciso acentuar o que há de oposição nas obras capitais, cada qual à sua maneira, de Marc Bloch, Georges Lefebvre, Ernest Labrousse, Marcel Bataillon, André Piganiol, Augustin Renaudet. Não é estranho que, sem esforço, possam elas conciliar-se com esta história entrevistada, depois concientemente proposta há mais de vinte anos.

*
* *
*

Talvez seja esse feixe de possibilidades que dê força à escola histórica francesa hodierna. Escola francesa? Um francês com di-

ficuldade pronuncia essa palavra e, tendo-a pronunciado, tanto diverge intimamente que hesita em repeti-la. Todavia, vista do estrangeiro, nossa situação não se mostra tão complexa. Um jovem professor inglês escrevia ultimamente: "Se uma nova inspiração há de penetrar n'osso trabalho histórico, é da França que mui provavelmente poderá vir-nos: à França parece que cabe, no século presente, desempenhar o papel que à Alemanha coube no século precedente..." É preciso dizer que juízos dessa espécie apenas podem trazer-nos encorajamento e orgulho? Dão-nos também o sentimento de um fardo excepcional de responsabilidades, a inquietação de não sermos dignos delas.

*

* *

Esta inquietação, que eu pareço ter encontrado, um pouco por acaso, nos últimos instantes desta conferência, todos sabem que me acompanhava antes mesmo que tivesse proferido a primeira palavra desta palestra. Quem não se inquietaria, ao ter que tomar lugar aqui? Felizmente, a tradição é boa conselheira; oferece, ao menos, três refúgios: lêr a conferência (e, confesso-o, é a primeira vez na vida que a isso me resigno — minha perturbação não o diz?); esconder-se atrás de um programa, ao abrigo de suas idéias mais caras (certo, a tela nos esconde mal); depois, evocar amizades e simpatias para se sentir menos só. Essas amizades e simpatias apresentaram-se tôdas à minha saudade reconhecida: simpatias ativas dos meus colegas da Escola de Altos Estudos, para onde fui chamado há cêrca de quinze anos; simpatias ativas de meus colegas de história, meus veteranos, os meus contemporâneos, que não me faltaram, notadamente na Sorbonne, onde tamanho prazer tive em conhecer, graças a elas, a nossa juventude estudantil. Aqui, outras e mais caras velam por mim.

Fui conduzido a esta casa pela mão muito benévola de Augustin Renaudet e de Marcel Bataillon. Sem dúvida porque, não obstante meus defeitos, pertencço à pequena pátria do século XVI e porque muito tenho amado e muito ainda amo, com tôda a alma, a Itália de Augustin Renaudet e a Espanha de Marcel Bataillon. Não me julgaram severamente por ser, em relação a êles, um visitante noturno: a Espanha de Felipe II não é mais a de Erasmo; a Itália do Ticiano ou do Caravaggio não mais tem, para iluminá-la, as inesquecíveis luzes da Florença de Lourenço o Magnífico e de Miguel Ângelo... A noite do século XVI! Lucien Febvre costuma falar dos homens tristes de além 1560. Homens tristes, sim, sem dúvida, êsses homens expostos a todos os golpes, a tôdas as surpresas, a tôdas as traições dos outros homens e da sorte, a tôdas as amarguras, a tôdas as revoltas inúteis... Em redor dêles e neles mesmos, tantas guerras inexpiables... Ó! êsses homens tristes assemelham-se a nossos irmãos.

Graças aos seus caros colegas, a cadeira de história da civilização moderna, restaurada em 1933, foi preservada e a mim me incumbe a honra de assegurar a continuidade dela. É uma honra muito pesada. Amizades, simpatias, boa-vontade, entusiasmo pela tarefa que sinto no fundo de mim mesmo não podem impedir que duvide, em sã consciência e sem falsa humildade de poder suceder a um homem em quem repousa ainda hoje a tarefa imensa que define, à margem de seus livros, na própria esteira de seu pensamento incansável; ao nosso grande e querido Lucien Febvre, por intermédio de quem, durante anos, para glória desta casa, aqui se fêz ouvir de novo a voz de Jules Michelet, que se poderia ter julgado para sempre calada.

FERNAND BRAUDEL

do Colégio de França e antigo professor de História da Civilização da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.